

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DOUTORADO EM FILOSOFIA

**A ATENÇÃO INTENCIONAL NA TEORIA DA COGNIÇÃO DE PEDRO DE  
JOÃO OLIVI**

MÁRCIO PAULO CENCI

Porto Alegre  
2015

MÁRCIO PAULO CENCI

**A ATENÇÃO INTENCIONAL NA TEORIA DA COGNIÇÃO DE  
PEDRO DE JOÃO OLIVI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich

Porto Alegre  
2015

Para a Géli e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pela atenção e condições de estudo.

Ao Instituto de Filosofia da Pontifícia Universidad Católica de Chile (UC), pela receptividade no período de Doutorado Sanduíche.

À CAPES, pela bolsa PROSUP, que tornou o desenvolvimento do doutorado mais tranquilo aqui no Brasil e pela bolsa na modalidade de Doutorado Sanduíche para o período na UC.

Ao prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich, pela sempre instigante orientação para este trabalho em especial, e por ser uma inspiração e modelo de dedicação à Filosofia e à vida acadêmica.

Ao prof. Dr. Santiago Orrego, pela receptividade e orientações no período no Instituto de Filosofia da UC.

Aos professores Drs. Alfredo Storck, Alfredo Culleton, Pedro Leite Júnior e Fernando Montes D'Oca, pela disponibilidade para leitura e arguição desta tese.

Ao Centro Universitário Franciscano, pelo apoio logístico à capacitação e suporte durante todo o doutorado.

Ao colegas do curso de Filosofia do Centro Universitário Franciscano, em especial ao prof. Marcos Alexandre Alves, coordenador do curso, e ao Cristiano, Diego, Guilherme, Loidemar, Solange, Valdemar e Ricardo (até pouco tempo atrás), pelas discussões no Grupo de Estudos em Pensamento Franciscano, e Juciane, Maria Alice, Mitieli e Rita, por compartilhar os momentos do ensino.

Aos estudantes de Filosofia do Centro Universitário Franciscano, dos quais alguns nomeio: Ademar, Bruno, Camila, Fabrício, Isabela, Isis, Neimir, Paloma, Leandro e outros, pelos experimentos mentais, leituras e diálogos.

Aos amigos que o doutorado proporciona: Fernando, Karen, Lucas e aos outros grandes amigos de sempre como o Ricardo e a Cristiane.

À família, principalmente a meus pais, Domingos e Ana, meu irmão Marcelo, minha irmã Márcia, e minha avó Santina, pelo respeito e apoio incondicional, mesmo em minhas ausências.

À Angélica Lüersen (a Géli), pelo amor, cuidado e luz na vida, pela paz que me fez alcançar nos momentos mais tensos e por outras coisas somente mostradas nas palavras das poesias.

Enfim, ao conjunto de pessoas e instituições que tornaram direta ou indiretamente possível para mim a realização desta tese.

## RESUMO

A presente tese de doutorado tem por finalidade mostrar que a atenção intencional é um elemento pré-experiencial necessário ao ato cognitivo perceptual. Pedro de João Olivi (1247/8-1298) sustenta que a atenção intencional tem de ser posta como a condição para o desempenho ativo do ato cognitivo perceptual. Um dos tópicos da teoria da cognição perceptual é descrever o tipo de acesso que a mente tem aos objetos exteriores. A hipótese apresentada no presente trabalho depende da teoria da matéria, da teoria da alma, da teoria das potências anímicas como pressupostos para a teoria da atenção intencional. Sendo assim, apresenta-se como Olivi elabora uma teoria da matéria peculiar e distingue a matéria corporal da espiritual (Capítulo 1). Destarte, principalmente, em entes cognoscentes humanos, essa distinção exige alguma explicação da conexão entre a matéria espiritual e a matéria corporal. Com o detalhamento da teoria da alma humana (Capítulo 2), explicita-se a coligação entre corpo e mente e também entre as potências anímicas. De fato, a solução de Olivi depende da admissão de uma teoria da alma em que as partes formais estão coligadas sob um princípio de subordinação e de continuidade (Capítulo 3). Além disso, em Olivi, no desempenho das potências anímicas sensórias é que se nota a necessidade da atenção intencional quando da orientação da potência para um ou outro objeto. Mas essa atenção é própria do modo de ação do sentido comum aplicada aos atos dos sentidos exteriores. Assim, estão dados os elementos teóricos sistematicamente pressupostos para o tratamento da atenção intencional. A conexão entre atenção e intencionalidade é tema do último e fundamental capítulo (Capítulo 4) deste trabalho. A intencionalidade é um componente natural da apreensão sensorial, mas em Olivi ela exige que a alma tenha uma natureza ativa, pois o desempenho intencional é precípua à alma e é independente de elementos representacionais intermediários como as *species*. Olivi não reduz o ato cognitivo ao modo de ação ativo ou passivo, mas adiciona a causa terminativa como uma função do objeto na produção do ato. A terminação, então, é crucial para mostrar como a atenção cognitiva é classificada como intencional. Por fim, apresenta-se a atenção intencional como a condição que garante o acesso imediato aos objetos do mundo exterior.

**Palavras-chave:** Cognição Perceptual. Atenção. Pedro de João Olivi. Intencionalidade.

## ABSTRACT

This doctoral thesis aims to show that intentional attention is a pre-experiential element necessary to perceptual cognitive act. Peter John Olivi (1248 / 9-1298) supports the idea that intentional attention must be used as the condition for the active performance of perceptual cognitive act. Describing the type of access that the mind has of external objects is a principle of perceptual cognition theory. The hypothesis presented uses the theory of matter, the theory of soul and the theory of soul's potencies as a base for the theory of intentional attention. So, this work presents how Olivi elaborates a peculiar theory of matter and distinguishes corporal of spiritual matters (Chapter 1). Thus, especially in cognizant human beings, this distinction requires some explanation about the connection between spiritual matter and corporal matter. The theory of the human soul (Chapter 2) explains the union between body and mind and between the soul's potencies. In fact, Olivi's solution depends on the acceptance of a theory where the formal parts of the soul are linked under a principle of subordination and continuity (Chapter 3). Besides that, the necessity of intentional attention at the moment of the power orientation for this or that object is noticed in the performance of sensorial soul's potencies. However, this attention is a characteristic of mode of common sense action applied in the acts of the external senses. Therefore, the theoretical elements that are presupposed systematically for the treatment of intentional attention are given. The connection between attention and intentionality is the subject of the last and decisive chapter (Chapter 4). The intentionality is a natural component of sensory apprehension, but in Olivi it requires an active nature of the soul, since the intentional performance is essential to the soul and it is independent of intermediate representational elements such as *species*. Olivi does not reduce the cognitive act to active or passive mode of action, but adds the terminative cause as a function of object in the act of production. Then, the termination is crucial to show how cognitive attention is classified as intentional. Finally, the intentional attention as the condition which ensures immediate access to the external world objects is presented.

**Keywords:** Perceptual Cognition. Attention. Peter John Olivi. Intencionality.

## LISTA DE ABREVIATURAS

### PEDRO DE JOÃO OLIVI

<i>Quod. Quin.</i>	Quodlibeta Quinque (2002)
<i>II Sent.</i>	Quaestiones in Secundum Librum Sententiarum (1922-26)
<i>Quae. Log.</i>	Quaestiones Logicales (1986)
<i>Quod.</i>	Quodlibeta (1509)
<i>LSA.</i>	Lectura super Apocalipsim (2009)

### BOAVENTURA DE BAGNORÉGIO

<i>In I Lib. Sent.</i>	Commentaria in quatuor Libros Sententiarum (1883)
<i>In II Lib. Sent.</i>	Commentaria in quatuor Libros Sententiarum (1885)
<i>In III Lib. Sent.</i>	Commentaria in quatuor Libros Sententiarum (1887)
<i>Coll. In Hexam.</i>	Collationes in Hexamëron (1891)

### GUILHERME DE OCKHAM

<i>Rep.</i>	Quaestiones in Librum Quartum Sententiarum (Reportatio) (1984)
<i>OTh.</i>	Opera Theologica

### TOMÁS DE AQUINO

<i>ST.</i>	Summa Theologiae
<i>Sent. De Anima.</i>	Sententia Libri De anima

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 TEORIA DA MATÉRIA: <i>MATERIA CORPORALIS</i> E <i>MATERIA SPIRITUALIS</i></b> ..	18
1.1 MATÉRIA, POTENCIALIDADE E FORMA .....	18
1.1.1 Matéria e potencialidade .....	23
1.1.2 Matéria e forma .....	31
1.2 MATÉRIA CORPORAL E MATÉRIA ESPIRITUAL – COMPOSIÇÃO E SIMPLICIDADE ..	37
<b>2 TEORIA DA ALMA HUMANA</b> .....	48
2.1 INTERAÇÃO ALMA-CORPO E PROBLEMA MENTE-CORPO .....	48
2.2 A ALMA HUMANA E O COMPOSTO HUMANO: UMA CONTROVÉRSIA HISTÓRICA ..	53
2.3 A UNIDADE SUBSTANCIAL DO COMPOSTO HUMANO .....	59
2.3.1 O corpo humano e as formas vegetativa e sensitiva da alma .....	59
2.3.2 A alma humana .....	64
2.3.2.1 <i>Partes formais da alma humana</i> .....	64
2.3.2.2 <i>Subordinação e continuidade nas potências anímicas</i> .....	68
2.3.3 O método da <i>colligantia naturalis</i> .....	76
<b>3 TEORIA DAS POTÊNCIAS ANÍMICAS</b> .....	89
3.1 ESTRUTURA DAS POTÊNCIAS ANÍMICAS .....	89
3.2 TEORIA DAS POTÊNCIAS DA ALMA RACIONAL HUMANA .....	101
3.2.1 Elementos da teoria do intelecto .....	107
3.2.2 Elementos da teoria da vontade .....	112
3.2.2.1 <i>A experiência subjetiva (affectus) da liberdade da vontade</i> .....	116
3.2.2.2 <i>A indeterminação externa da potência volitiva</i> .....	123
3.2.2.3 <i>A primazia da vontade</i> .....	127
3.3 TEORIA DAS POTÊNCIAS SENSORIAS DA ALMA HUMANA .....	132
3.3.1 Os sentidos exteriores .....	133
3.3.1.1 <i>Uma potência apreensiva e a indistinguibilidade dos sentidos</i> .....	133
3.3.1.2 <i>A potência apreensiva e a distinção entre os sentidos exteriores</i> .....	136
3.3.1.3 <i>O sentido do tato – um caso singular</i> .....	146
3.3.2 O sentido comum como o sentido interno .....	150
3.3.2.1 <i>Distinção entre os sentidos particulares e o sentido comum</i> .....	151
3.3.2.2 <i>Modo de ação do sentido comum</i> .....	156
<b>4 INTENCIONALIDADE E ATENÇÃO NO ATO COGNITIVO PERCEPTUAL</b> ..	163
4.1 INTENCIONALIDADE E APREENSÃO SENSORIAL .....	163
4.2 A NATUREZA ATIVA DA ALMA .....	170
4.2.1 Os constituintes do ato cognitivo: o modo agente, paciente e terminativo .....	172
4.2.1.1 <i>As objeções</i> .....	172
4.2.1.2 <i>Os modos de ação e recepção</i> .....	176
4.2.2 O objeto e a causa terminativa: o terceiro componente do ato cognitivo .....	184
4.2.2.1 O objeto como termo e a terminação da potência .....	184
4.2.2.2 <i>A causa terminativa</i> .....	191
4.2.2.3 <i>Atenção e terminação</i> .....	195
4.3 A TEORIA DA ATENÇÃO E O GIRO NA TEORIA DA COGNIÇÃO .....	202
4.3.1 Crítica à teoria das <i>species</i> e da extramissão .....	204



4.3.1.1	<i>A superfluidade das species e o risco de ceticismo</i> .....	204
4.3.1.2	<i>Elementos da crítica às teorias extramissivas</i> .....	209
4.3.2	A teoria da atenção.....	212
4.3.2.1	<i>Análise do termo aspectus como atenção</i> .....	213
4.3.2.2	<i>Características da atenção cognitiva</i> .....	224
4.3.2.3	<i>Classificação e graus de atenção</i> .....	231
4.3.2.4	<i>Atenção intencional da potência cognitiva</i> .....	237
<b>CONCLUSÃO</b> .....		243
<b>REFERÊNCIAS</b> .....		248

## INTRODUÇÃO

A percepção é um processo ativo em que o cognoscente tem acesso às qualidades sensoriais dos objetos exteriores. Como processo ativo, a percepção somente tem seu desempenho completo se a atenção intencional, como um tipo de modificação da ação das potências quando dirigidas aos objetos exteriores, for considerada necessária. Essa tese é sustentada por Pedro de João Olivi (1247/8-1298).<sup>1</sup>

Na teoria da cognição, o principal problema enfrentado pelos filósofos escolásticos, principalmente nos séculos XIII-XIV, consistia em criar uma teoria sistemática e harmoniosa que pudesse explicar como os animais, principalmente os humanos, processam, adquirem e guardam as informações acerca do mundo real ao seu redor. Para um filósofo medieval, desse tempo, uma formulação do problema da percepção poderia ser assim: como é possível que a

---

<sup>1</sup> Pedro de João Olivi [*Petrus Ioannis Olivi*] nasceu em 1247/8 no sul da França, no Languedoc, na cidade de Sérignan. Com 12 anos entrou na Ordem Franciscana em Beziérs. Ele estudou em Paris (1267-1272) com S. Boaventura e outros mestres da Ordem. Porém, não se tornou Doutor em Teologia, embora tenha escrito as *Quaestiones in Libris Sententiarum Petri Lombardi*. Não obstante, dedicou-se ao ensino e formação em várias casas dos Franciscanos de sua região natal até 1283, quando sofreu uma censura interna de suas opiniões, acerca da alma humana, dos sacramentos, entre outros tópicos, entretanto, respondeu suficientemente a todas as críticas. Nesse tempo, Mateus de Aquasparta, como novo Geral da Ordem Franciscana, reabilitou-o ao ensino e envio-o a Florença (1287-1289), onde é provável que Dante Alighieri estivesse presente nas suas aulas ministradas por Olivi. Após isso, retornou a Montpellier e Narbone, nesta última cidade faleceu em 14 de março de 1298. A sua produção bibliográfica, pelo que se sabe, pode ser dividida em três grupos: um primeiro grupo, de obras exegéticas, como os comentários à Escritura; um segundo de caráter especulativo, de tópicos de Filosofia e Teologia, com as *Quaestiones* sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo. E, um terceiro grupo, de textos de espiritualidade e mística, normalmente, orientado à Ordem, mas não somente, como as *Quaestiones de Perfectione Evangelica*. Destaca-se aqui dois pontos: Olivi foi um dos únicos teólogos do século XIII a comentar um grande número de livros da Sagrada Escritura (23 do Antigo Testamento e 15 do Novo Testamento). E, em segundo lugar, a sua *Lectura super Apocalipsim (LSA)* teve um impacto (no século XIV) muito forte em setores da Ordem Franciscana como entre grupos espirituais, pois oferecia uma interpretação do Livro do Apocalipse congregando em uma exegese intrincada elementos joaquimitas e fatos respectivos a São Francisco de Assis. A recepção da obra de Olivi não é fácil de detectar, tanto pela peculiaridade de seu pensamento, como pelas censuras que sofreu. A sua tese original de que *a alma intelectual, considerada por si e como tal, não é a forma do corpo humano* havia sido criticada em 1283. Mas, no XV Concílio Ecumênico em Vienne, França (1311-1313), em torno de 15 anos após a morte de Olivi, uma formulação semelhante é considerada herética nas *Constitutiones* do Papa *Clemente V*. Tal formulação é normalmente associada à posição de Olivi, mas sem maiores justificativas. Foi somente em 1326 que algumas sentenças da *Lectura super Apocalipsim* foram condenadas pelo Papa João XXII. Nesse mesmo ano, consta ainda que seu túmulo na Catedral de Narbonne foi destruído e seu restos mortais queimados, daí uma certa *damnatio memoriae* de sua obra, que começou a ser recuperada com a edição crítica das *Quaestiones in Secundum Librum Sententiarum* entre 1922 e 1926, por Bernard Jansen S.I. Contudo, há certo consenso que a condenação de Olivi foi menos em razão de temas teológicos do que parte da estratégia contra a mudanças que a aceitação do ideal da pobreza implicaria. Cf. para conhecimento sobre a biografia de Olivi em David BURR, *L'Histoire de Pierre Olivi: Franciscan Persécuté*, trans. by François-Xavier Putallaz (Fribourg, Paris: Editions Universitaires de Fribourg, Cerf, 1997), p. 296. E David BURR, *The spiritual Franciscans: from protest to persecution in the century after Saint Francis* (Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001), p. 427. E cf. também François-Xavier PUTALLAZ, *Figures Franciscaines: de Bonaventure à Duns Scot* (Paris: Lés Editions du Cerf, 1997), p. 184.

matéria corpórea, ou os corpos, possam agir de modo a produzir algum efeito na alma? E como algo nobre, mais elevado, como a alma, pode *unir-se* ao corpo (mais inferior)? Uma teoria da percepção medieval deveria responder a esses problemas.

As potências sensoriais são a mediação para a percepção intelectual das qualidades sensíveis dos objetos. Essa é uma afirmação com forte apelo intuitivo. É natural que as potências sensoriais, em seus desempenhos, tenham a função de mediadoras das qualidades dos objetos. Mas esse desempenho exige uma relação direta com os objetos ou depende de outros desempenhos intermediários, ou mesmo da instanciação de mediadores para que a ação se complete? A pergunta central no tópico das cognição diz respeito à possibilidade dos corpos agirem na alma para produzir os estados mentais de apreensão e volição? É justamente o debate acerca da ação possível dos objetos exteriores na mente que responde as essas questões.

Uma teoria que considera a mediação na ação sensorial respectiva ao mundo exterior admite que há entre os objetos sensoriais, em especial, entre as suas qualidades sensíveis, e o cognoscente, e suas potências apreensivas, um elo, que justifica a passagem das qualidades às potências. Essa imagem de uma teoria da cognição é associada àquelas que dependem das *species*, entendidas como meios representacionais, em que há a veiculação das qualidades dos corpos à mente.

Mas essa não é a única imagem de uma teoria da cognição. Outra possível é que o acesso das potências aos objetos é garantido pela natureza ativa das potências em se dirigir ao mundo exterior. E, sem qualquer mediação, a potência pode atingir as qualidades sensoriais e apreender as qualidades sensíveis. Nessa imagem as potências racionais podem atingir diretamente, sem representação e, portanto, sem *species*, aspectos cognitivos relevantes do mundo exterior.

Outra imagem possível seria a não necessidade de conexão entre as qualidades do mundo exterior e os desempenhos das potências mentais quando fazem alegações respectivas às tais qualidades e à existência dos objetos no mundo exterior. Ou seja, que a alegação de existência e as qualidades sensórias que podem estar conectadas à ela não têm necessidade. Se a alegação acerca do mundo exterior não é necessária, pois *pode* ser o caso sem que o objeto exista, então todo ato perceptual teria caráter ocasional.

Ora, associado a essa imagem, se o acesso ao mundo exterior depende dos sentidos exteriores, há também o problema em evitar o ceticismo quanto à confiabilidade dos sentidos.

Em outros termos, deve-se determinar qual é o grau de certeza que envolve a ação cognitiva no desempenho dos sentidos exteriores e do sentido interior na percepção das coisas cognoscíveis do mundo exterior? Olivi considera em que termos deve ser descrito o desempenho das potências anímicas na ocasião da percepção dos objetos exteriores? Em que termos se classifica o conteúdo do que é o sensorialmente percebido? Ou seja, quais as condições de descrição da natureza das sensações?

A tese proposta aqui pretende sustentar que Pedro de João Olivi possui uma teoria da cognição que não pode ser considerada parte das imagens das teorias acima, pois a ênfase que ele oferece é que o ato perceptual respectivo ao mundo exterior depende da modificação da ação ou do desempenho das potências no momento em que estão voltadas aos objetos exteriores (ou, mais especialmente, às suas qualidades sensoriais). Essa modificação é justamente a seleção intencional do objeto, e a orientação às suas qualidades proporcionada pela atenção [*attentio, aspectus*]. Assim, em Olivi, a atenção é uma força que age com as potências, ou nas potências, para proporcionar a percepção. Ora, aqui é necessário classificar o tipo de força que ela é.

Essa tese para ser entendida requer alguns esclarecimentos. A historiografia da teoria da atenção não a considera como um tópico que comporia a agenda da Filosofia entre os medievais. O verbete *attention* da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* no *Historical Overview*<sup>2</sup> cita nessa ordem os filósofos modernos: Descartes, Berkeley e Locke, que consideraram a atenção com um importante papel epistêmico, ainda que sem uma teoria da atenção propriamente dita. Não há qualquer consideração respectiva a autores anteriores.

O tópico da atenção, ao menos contemporaneamente, é precípuo ao campo da psicologia cognitiva e de modo mais profícuo à neurociência. O *background* é a obra de William James, *The Principles of Psychology* (1890)<sup>3</sup>, onde se sugere que consta aí a primeira teoria da atenção propriamente dita acerca da percepção do mundo exterior<sup>4</sup>.

De fato, esse é um tópico de vasta publicação em campos da neurociência e psicologia cognitiva na análise dos processos fisiológicos da atenção.<sup>5</sup> Não parece suficiente que a

<sup>2</sup> Cf. Christopher MOLE, 'Attention', in *Stanford Encyclopedia of Philosophy* <<http://plato.stanford.edu/entries/attention/>> [accessed 02 November 2014].

<sup>3</sup> Cf. o capítulo XI 'Attention' em William JAMES, *The Principles of Psychology* (Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1983), 1-2, pp. 380-432.

<sup>4</sup> Sobre isso, cf. o capítulo introdutório "Attention" de Christopher D. WICKENS and Jason S. MCCARLEY, *Applied Attention Theory* (Boca Raton, London, New York: CRC Press, 2008), pp. 01-7.

<sup>5</sup> Representativos desse interesse pode-se cf. em Anna C. NOBRE and Sabine KASTNE, *The Oxford Handbook of Attention* (Oxford: Oxford University Press, 2014), 1264 p.; e também em Christopher D. WICKENS and Jason S. MCCARLEY, *Applied Attention Theory* (Boca Raton, London, New York: CRC Press, 2008), 225 p.

explicação dos processos cerebrais da atenção seja suficiente para a descrever o tratamento dos processos cognitivos perceptuais. Há de se propor elementos para uma teoria da atenção traga inovações na ampliação da compreensão dos processos cognitivos humanos.

Embora aqui ainda não esteja descrita uma teoria completa da atenção, pois de fato a descrição do processos cerebrais foi considerada como suposta quando do tratamento da teoria do corpo em Olivi, há, sim, a afirmação premissas importantes acerca da necessidade da atenção como um desempenho que acompanha intencionalmente as ações das potências anímicas. Em outros termos, afirma-se que no pensamento de Olivi há, se não uma teoria completa, premissas que sugerem uma teoria da atenção intencional aplicada à percepção que precisa ser recuperada.

Há trabalhos relevantes que, ao tratarem do desempenho ativo da percepção, recuperam a noção de atenção associada à intencionalidade, desde Agostinho até Descartes.<sup>6</sup> Eles sugerem que as noções de intencionalidade e de atenção são cruciais para a noção de percepção como um processo ativo da mente. Ora, a afirmação de que alma tem um poder ativo para perceber o mundo exterior implica a superveniência da mente em relação aos corpos. Assim, mesmo em perspectiva contemporânea dos problemas de filosofia da mente e cognição, recuperar a teoria da atenção de Olivi pode oferecer descrições promissoras ao desempenho da mente em relação os objetos corporais.

Para oferecer uma explicação sistemática, a partir das obras de Olivi, capaz de responder ao menos em parte às questões acima, dividiu-se este trabalho em quatro partes. Uma teoria da matéria; uma teoria da alma humana; uma teoria das potências anímicas; e, por fim, o tratamento dos conceitos de intencionalidade e atenção no ato cognitivo. Os três capítulos são preparatórios ou pressupostos no sentido de oferecer as condições de interpretação, ou mesmo de oferecer premissas, para as implicações extraídas no capítulo final, onde a tese aparece explicitamente.

O primeiro capítulo é respectivo à teoria da matéria e analisa os conceitos de largo uso em Olivi acerca da matéria espiritual e da matéria corporal. A distinção entre ambas é básica para se entender as principais teses da filosofia de Olivi. O tratamento específico, diferencial em relação a outros contemporâneos, que Olivi oferece ao conceito de matéria possibilita distinguir de maneira promissora a matéria espiritual da matéria corporal, sem implicar nos

---

<sup>6</sup> Cf. a coletânea de artigos em José Filipe SILVA and Mikko YRJÖNSUURI, *Active Perception in the History of Philosophy: from Plato to Modern Philosophy* (New York, Dordrecht, London: Springer, 2014), 293 p.

problemas clássicos do dualismo de substância. Contudo, o dualismo de Olivi é um resultado do tratamento próprio e inovador do conceito de matéria e de forma.

O segundo capítulo, assumido que há a distinção entre matéria espiritual e corporal, pretende determinar os elementos essenciais da teoria da alma humana. O ser humano é um composto de corpo e alma conforme a definição escolástica tradicional. Mas em Olivi isso exige, de um lado, o tratamento da interação mente-corpo e, de outro, do problema mente-corpo, ainda que este último não seja localizado de modo unânime pela bibliografia secundária entre os escolásticos. De fato, Olivi ocupa-se em mostrar de modo coerente como se dá a interação mente-corpo e para isso assume que as partes da alma são unificadas em razão do desempenho das potências. Mas parece-me que essa unidade pode ser interpretada em termos da hierarquia sob o princípio de subordinação das disposições anímicas e sob o princípio de continuidade da potências. Ainda que o corpo humano seja distinto da alma humana, corpo e alma interagem sob um modo de coligação natural.

O terceiro capítulo descreve as potências anímicas em sua estrutura, mostrando que elas estão ordenadas segundo certa hierarquia determinada pelos seus desempenhos. Nesse capítulo, há um tratamento, ainda que geral, das potências racionais como o intelecto e a vontade. Em especial na terceira parte, explora-se as potências sensórias da alma e a distinção entre os sentidos externos. Nesse ponto, há também a análise da relação entre as potências sensórias e os órgãos corporais dos sentidos exteriores. Além disso, há a análise do sentido comum [*sensus communis*] como o único sentido interno com um modo de ação próprio. Um ponto importante refere-se ao modo de ação do sentido comum que orienta a atenção para os atos dos sentidos exteriores. Portanto, se a minha interpretação é correta, o sentido comum assume em Olivi uma função estrutural básica na teoria da cognição.

O quarto capítulo sustenta que a atenção intencional [*aspectus intentionis*] é a condição para que o ato cognitivo tenha seu desempenho completo. Este é o maior capítulo, pensado com uma unidade, mas dependente argumentativamente dos capítulos anteriores. Para mostrar a tese principal, primeiro considera-se a relação entre intencionalidade e apreensão sensorial, demarcando as diferenças das teorias medievais, objetivando oferecer uma caracterização da teoria de Olivi, principalmente ao demarcar a diferença de certas interpretações contemporâneas. O segundo passo é a análise da natureza ativa da alma, e isso implica em descrever a função das potências anímicas no ato cognitivo. Olivi sustenta que somente a alma possui uma natureza agente na ação, e isso será a posição mais importante para sustentar que o desempenho perceptual é ativo.

Além disso, essa descrição no capítulo quatro é preparatória à explicação da função do objeto como causa terminativa do ato cognitivo. Essa posição implica a consideração importante entre a noção de terminação e a atenção do ato cognitivo, pois se há um objeto enquanto termo, deverá haver um desempenho intencional dependente da atenção.

O terceiro passo deste capítulo é o mais importante. Nele há o tratamento do tema da atenção como a modificação das ações das potências cognitivas em ato cognitivo. Ele trata esse tópico dentro da teoria das *species*, mas evita as consequências céticas, pois ele ainda assim garante que, pelo desempenho da atenção intencional, as potências cognitivas têm por referência, e podem conhecer, o mundo exterior. Mas esse tema não aparece, como se notará, tão explicitamente nos textos de Olivi. Há a apresentação de uma classificação e gradação da atenção como: universal ou particular, atual ou virtual, intencional ou não-intencional e corporal ou cognitiva. Por fim, a última subseção é dedicada à averiguação de se atenção intencional na apreensão sensorial pode ser a (pré)condição para a seleção do objeto enquanto termo da cognição.

Como estratégias de introdução, a cada início de capítulo apresenta-se uma síntese em que constam as fontes olivianas e a bibliografia secundária mais relevantes utilizadas no capítulo. Com isso, pretende-se oferecer ao leitor a visão geral dos temas e da bibliografia primária e secundária utilizada.

Optou-se pela estratégia estilística de apresentar a interpretação pessoal, ao menos, de três modos. O primeiro modo é o posicionamento de concordância (ou não) respectivo à bibliografia secundária. Isso procurei fazer nos momentos cruciais e explicitar a minha posição de associação ou não com a interpretação de determinados autores. Em outro modo, justamente nos argumentos olivianos não discutidos e elaborados pela bibliografia secundária, procurei apresentar uma descrição e uma interpretação para que sejam apreendidos no contexto da teoria da cognição de Olivi e em consonância com os seus pressupostos. Um terceiro modo seria em mostrar que a teoria da cognição possui pressupostos importantes na teoria da matéria e da natureza humana em Olivi. Essa última estratégia pode ser notada observando a estrutura geral (dos capítulos) da tese.

A estrutura da tese<sup>7</sup> foi pensada para que evidenciasse justamente a conexão entre a teoria da matéria, a teoria da alma humana, a teoria das potências, com o tema da

---

<sup>7</sup> A numeração e a nomenclatura das partes do texto seguem a seguinte ordem: capítulo 1; subcapítulo 1.1; seção 1.1.1 e subseção 1.1.1.1 e assim por diante. Utilizei o mecanismo de referências cruzadas a fim de durante o texto oferecer ao leitor a visão orgânica da tese, mostrando as conexões entre as partes – (sub)capítulos,

intencionalidade e atenção do ato perceptual cognitivo. A organicidade do uso dos conceitos no texto não é evidenciada sempre pela reconstrução dos argumentos por completo em todos os momentos do texto, mas por referências cruzadas com respeito aos capítulos e suas partes, ou com respeito a notas de rodapé, para guiar o leitor nas conexões com os conceitos, principalmente àqueles que em Olivi não há evidência explícita das implicações conceituais.

Todas as traduções presentes no texto para o vernáculo são de responsabilidade do autor deste texto.<sup>8</sup> Optou-se, principalmente, na tradução dos textos de Olivi por certo *literalismo*, obedecendo quando possível a estrutura sintática do original. No aspecto semântico, em alguns momentos, fez-se opções que estão descritas em notas de rodapé.

Uma última observação: *aspectus* é o conceito-chave e também o de mais difícil tradução, possui uma subseção dedicada a sua análise e interpretação. Com certeza, Olivi não é o primeiro explicar o conhecimento perceptual dependente da atenção, mas o uso idiossincrático de *aspectus intentionis* sugere uma teoria da cognição perceptual potencialmente criativa.

---

(sub)seções e notas de rodapé – sem a necessidade de repetir substancialmente os argumentos já tratados ou por tratar.

<sup>8</sup> Utilizarei uma gama de expressões no vernáculo que em Olivi todas são respectivas aos sentidos. De fato, a palavra mais comum em Olivi é o adjetivo *sensitivus, a, um*. Por vezes, houve uma transcrição para o vernáculo, mas em outras circunstâncias esse literalismo perdia em clareza. Por isso, optei por estabelecer uma regra geral, que se segue abaixo, para determinar o uso mais amplo de expressões com raiz latina respectivo ao *sensitivus, a, um*. Assim, essa nota serve para advertir com respeito a alguns usos de expressões. O uso de ‘órgão sensitivo’ para descrever aquilo que tem a capacidade de sentir. As ‘qualidade sensíveis’ são as qualidades que caem sob os sentidos, a saber, qualidades perceptíveis. Tudo o que recebe o adjetivo de ‘sensório’ é o que serve para transmitir as sensações. Assim, utiliza-se ‘órgão sensório’ quando se descreve a capacidade do órgão transmitir sensações; mesmo ‘potência sensória’ quando diz respeito à potência que transmite as sensações, por exemplo, dos objetos ao intelecto. As potências sensórias são os sentidos em geral, tomados enquanto potências. O adjetivo ‘sensorial’ é o que se refere aos sentidos exteriores ou ao interno.



## CONCLUSÃO

A atenção intencional orienta, dirige e faz convergir o desempenho das potências anímicas, como a apreensiva e a volitiva, aos objetos exteriores para a efetivação de um ato. O caráter intencional se dá justamente pela condição de ser operada pelas potências ativas. Todo ato anímico respectivo a objetos pressupõe a atenção. Na cognição, a atenção é uma condição pré-experiencial, ou mesmo pré-perceptual que acompanha todo o desempenho da alma para acessar o mundo exterior. A atenção constitui um aparato pré-cognitivo das potências anímicas. A atenção é um modo pré-experiencial que compõe o ato cognitivo e pode modificar, não o próprio ato, mas as potências ‘antes’ do ato. Diz-se ‘pré’ justamente para esclarecer que a atenção não compõe o ato em si, mas é condição necessária para que o desempenho seja dirigido a objetos por potências ativas. Em outros termos, pode-se dizer que a atenção é primitiva em relação aos desempenhos próprios das potências. Assim, a atenção é um modo constitutivo primitivo dos desempenhos anímicos quando estão voltados às qualidades sensíveis.

Em Olivi, esse é o resultado de uma complexa rede conceitual, em que as conexões nem sempre estão explicitadas e há vários vazios relativos a incompletudes sistemáticas. Principalmente se for analisado o ‘funcionamento’ da atenção corporal e sua consonância com a atenção intencional. Outro ponto problemático está na possibilidade de focar atenção em objetos terminativos diferentes por sentidos diferentes. E também o debate acerca da possibilidade acerca da percepção desencarnada, a saber, não sem os sentidos exteriores, mas sem os órgãos corporais. Esses são alguns exemplos de casos teóricos que necessitam ainda interpretação em Olivi.

Mas, mostrou-se que a teoria da matéria, a teoria da alma humana e das potências anímicas têm de ser consideradas como os pontos de sustentação da rede que possui como enlace central o conceito de atenção. Com maior especificidade ao estar aplicada ao conhecimento do objetos exteriores presentes aqui e agora às potências anímicas, a explicação da atenção requer os esclarecimentos e distinções fundamentais para ter o sentido adequado na teoria oliviana. Retomo, na sequência, as conclusões mais relevantes dos capítulos para explicitar essa rede.

O primeiro capítulo mostra que a matéria espiritual e corporal são distintas realmente, mas compõem o ser humano. A cláusula da matéria ( $C_m$ ) descreve a possibilidade de a mesma forma determinar matérias distintas. Assim, entre a matéria espiritual e a corporal que compõe o ser humano há um elo que possibilita a ligação. A possibilidade de que uma mesma forma possa determinar tanto a matéria espiritual quanto a corporal, é condição necessária para que a atenção como uma extensão do espiritual ou mental para o corpóreo, colabore com as potências cognitivas. Portanto, a teoria da matéria (suas distinções e a  $C_m$ ) é necessária para a teoria da cognição de Olivi.

A distinção entre matéria espiritual e matéria corporal implica em uma composição do ser humano como um conjunto de natureza espiritual e corporal. O ponto instigante é que a unidade substancial do ser humano em Olivi assume aspectos da teoria hilemórfica aristotélica, principalmente no aspecto da tripartição das partes formais da alma. Contudo, o hilemorfismo oliviano deve ser interpretado de modo que a parte intelectual da alma, considerada por si e como tal, não pode ser a forma do corpo.

A unidade da alma não é descrita em termos de uma fonte de poder, donde se desdobram a execução de funções, pois a alma é concebida por Olivi como uma estrutura que concentra as potências e suas respectivas funções. Portanto, as performances dos poderes da alma são concebidas relativamente como independentes umas das outras, o que permite detectar o seu funcionamento específico.

A análise performática das potências da alma é o critério para distinguir as funções e os poderes anímicos, sem supor a necessidade de mecanismos anímicos fixos. Assim, a natureza da alma é explicada em termos de desempenhos. Olivi explora as potências anímicas defendendo a autodeterminação da vontade e a primazia da atividade da alma no ato cognitivo, sem limitar-se à descrição de reações passivas a objetos exteriores, em especial, ao tratamento da potência sensitiva humana.

Ora, Olivi pode garantir a unidade da alma humana mediante uma interpretação própria das estruturas funcionais ordenadas. Ele assume a tríplice divisão aristotélica da alma humana como composta pela parte formal vegetativa, sensitiva e intelectual, mas extrai consequências importantes e peculiares tanto à sua teoria da unidade da alma no composto humano, como à teoria da cognição perceptual em especial.

A distinção entre corpo e alma não corresponde exatamente à distinção entre matéria corporal e matéria espiritual, como seria o caso em um dualismo substancial. Há em Olivi um

dualismo na ordem de desempenhos anímicos. O corpo humano, e as suas forças, não pode ser, em termos de Olivi, inteligente e livre. É impossível que a forma da parte intelectiva seja comunicada ao corpo, pois, ela convém à matéria espiritual, embora as formas sensitivas e vegetativas possam ser a forma do corpo. Ora, se não há transitividade na matéria determinada, a possibilidade de unidade no ser humano se dá pela condição de forma sensitiva poderia ser a forma tanto da matéria corporal quanto da espiritual. Portanto, a unidade da alma é descrita em termos de concordância nas relações das partes formais da alma em relação ao corpo, como condição para o conhecimento do mundo exterior, principalmente, em relação à compatibilização e coligação das potências no ato cognitivo.

Há uma correspondência entre esses movimentos das potências tanto na ordem corpórea quanto na ordem anímica. A continuidade (cf. o *PCP<sub>ad</sub>*) e a subordinação (cf. *PSD*) dessas potências são fundamentais para justificar o conhecimento do mundo exterior. Assim, Olivi encontra um modo de descrever o acesso da mente ao mundo exterior em conformidade com sua teoria da matéria, e sem implicar (como se disse) nos problemas do dualismo de substância.

Ora, os desempenhos básicos da alma racional são conhecer e querer, porquanto sejam os únicos que podem ter como suporte a matéria espiritual. A potência volitiva é indeterminada em seu desempenho, ou seja, pode, por si, determinar os objetos, os modos de ação e fins para si. Essa indeterminação da vontade é um pressuposto essencial à indeterminação com relação aos objetos ( $T_3$ ). Portanto, a potência volitiva, em razão de sua indeterminação frente ao objeto, tem primazia na determinação do objeto em relação às outras potências ( $T_p$ ). Essa é uma das condições para que a atenção intencional (cf.  $At_2$ ) seja orientada pela vontade na seleção de objetos, previamente o ato de apreensão das qualidades, ou seja, anterior ao ato de apreensão.

A potência volitiva, considerada como uma potência indeterminada quanto ao objeto, é fundamental para ser a operadora da atenção que garante a seleção e a variação dos objetos como termos. A passagem da atenção de um objeto de cognição para outro é explicada como um desempenho da volição.

O intelecto determina o grau de certeza do conhecimento alcançado pelas potências, isso o faz ao ajuizar acerca das potências em seus atos e respectivos objetos. Assim o ato de ajuizar é modo expressivo da potência intelectiva que segue uma certa ordem de necessidade natural, pois não pode decidir sobre a verdade do ato de apreensão das qualidades sensoriais

dos objetos. Assim, após a atenção ter orientado a potência apreensiva ao objeto, não há decisão no ato, mas juízo perceptual.

Entretanto, a cognição perceptual não pode ser o caso somente com as potências racionais, pois é necessário que possa acessar ao mundo exterior. E somente pode acessar o mundo exterior mediante uma potência sensitiva, na medida em que a forma sensitiva da matéria corporal e da matéria espiritual é o que pode estabelecer o vínculo entre a mente e o corpo. Daí a necessidade das potências apreensivas como os sentidos para que o acesso às qualidades dos objetos exteriores seja possível.

Os sentidos exteriores se caracterizam por serem potências sensórias específicas ao apreender qualidades sensíveis específicas dos objetos. O fato é que os objetos, sem a apreensão, não recebem qualquer classificação, são *incognita et innominata* – ou seja, o mundo exterior é acessado justamente pelo desempenho dos sentidos. A função específica dos sentidos exteriores é mediar a apreensão perceptual das qualidades sensíveis específicas dos objetos reais. E a unidade das percepções é resultante do desempenho do sentido comum.

Disso se segue que a percepção de objetos exteriores, na condição atual de humanos com órgãos sensoriais, nos dá a certeza de que (1) há objetos realmente existentes presentes durante o desempenho perceptual, mas não nos garante a certeza de que sejamos aptos a perceber todas as notas características dos objetos. E (2) as qualidades sensoriais apreendidas são justamente aquelas que podem ser apreendidas dada a coligação da mente com os corpos exteriores enquanto absorvem essas qualidades em si. Daí, há certeza de que as qualidades sensíveis apreendidas dizem respeito aos objetos enquanto termos da atenção intencional.

O sentido comum não acessa as qualidades sensíveis diretamente, ele atenta para o ato dos sentidos particulares. O ato intencional é orientado ao ato perceptual e, assim, atinge pela mediação dos sentidos particulares os objetos perceptivos. A mediação depende dos órgãos sensórios como instrumentos coligados aos sentidos exteriores. Como o sentido comum não possui um órgão sensório, não pode, via coligação natural com o corpo, ter um acesso direto às qualidades sensíveis dos objetos.

O sentido comum tem por modo de ação converter a atenção para este ou aquele ato dos sentidos exteriores. Portanto, o sentido comum somente apreende presentemente e imediatamente o ato apreensivo dos sentidos exteriores. Entretanto, isto somente pode ser aceito se considerarmos a primazia da imediaticidade e a cláusula do ato intencional (Cai). Assim, o acesso às qualidades sensíveis depende dos sentidos exteriores. A atividade do ato

perceptual está na orientação do desempenho do sentido comum em voltar a atenção ao ato perceptual dos sentidos exteriores. Nota-se que esse desempenho não é um ato de segunda ordem, pois o sentido comum apreende imediatamente o ato do sentidos exteriores. Mas a capacidade de orientar a atenção é essencial ao ato perceptual.

Olivi afirma a atividade das potências anímicas no desempenho perceptual, ou seja, que a percepção é ativa. A potência cognitiva ativa é aquela indeterminada quanto ao objeto, ou seja, que pode se dirigir intencionalmente ao objeto, sem que o objeto determine a sua percepção. Ora, se há tal potência ativa, então é possível que o ato seja imediato. A imediaticidade do ato depende então da condição ativa das potências anímicas.

Uma consequência sistemática pode-se dizer que na teoria da cognição de Olivi não há a necessidade de instanciar um intermediário entre o objeto e as potências cognitivas no desempenho da cognição dos objetos exteriores presentes. Assim, ele mostra ser supérflua a teoria das *species*, enquanto *repraesentatio*, para o ato da apreensão sensorial do objeto presente. Embora, a *species* seja fundamental para outros desempenhos do sentido comum como a memória e a imaginação. Esses casos merecem um tratamento próprio a luz da teoria da atenção em Olivi, o que não foi feito nesta tese.

Outra consequência sistemática é a atenção cognitiva, ou qualquer que seja a força da potência cognitiva para acessar os objetos, não pode ser descrita em termos de uma projeção (física) da alma até o objeto, nem mesmo do objeto até a alma. Se há uma projeção ela tem de ser de ordem espiritual, portanto, somente em sentido figurativo ou analógico poderia ser comparado ao desempenho da atenção intencional.

Por fim, a atenção intencional é uma modificação primitiva da potência cognitiva para estar orientada ao objeto terminado, seja por uma operação da vontade ou da coligação natural. A atenção intencional garante o acesso ao mundo exterior em desempenhos cognitivos de apreensão (e volição) sem recorrer à *species*, pois descreve a condição em que a potência acessa imediatamente o objeto. Uma condição necessária para a potência cognitiva realizar um ato completo ao intencional perceptualmente os objetos do mundo exterior é, portanto, a atenção intencional.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Primárias

OLIVI, Petrus Iohannis. **Quaestiones in Secundum Librum Sententiarum**. Edit. Bernardus Jansen, Quaracchi: Collegium S. Bonaventurae, *Bibliotheca Franciscana Scholastica Medii Aevi*. 1922–26. (Volume I- III).

OLIVI, Petrus Iohannis. **Quodlibeta quinque**. Ad fidem codicum nunc primum edita cum introductione historico-critica. Ed. et cur. S. Defraia, Grottaferrata: 2002, pp. LVI-143\*-355.

OLIVI, Petrus Ioannis. *Quaestiones Logicales*. Ed. by Stephen Brown. **Traditio**, v. 42, pp. 335-388, 1986.

OLIVI, Peter of John. **Principia quinque in Sacram Scripturam, Postilla in Isaiam et in I Ad Corinthios**. Editado por David Flood, O.F.M., Gedeon Gál O.F.M., Franciscan Institute Publications. New York: St. Bonaventure University, 1997.

OLIVI, Petrus Ioannis. *Epistola ad R*. In. **Quodlibeta**. Petri Joa[n]nis P[re]ue[n]zalis Doctoris Sole[n]nissimi Or. Minor[um]. Venice: Lazarus de Suardis, 1509.

OLIVI, Petrus Ioannis. **Lectura super Apocalipsim**. Manuscrito. Lat. 713. Biblioteca Nacional de Paris. Transcrição de Paolo Vian. Disponibilizado on line por Alberto Forni In: <<http://www.danteolivi.com/Metamorfosi/pdf/Lectura%20super%20Apocalipsim.pdf>>. 2009.

### Fontes Secundárias

ALHACEN. **Alhacen's theory of visual perception**: A Critical Edition, with English Translation and Commentary of the First Three Books of Alhacen's *De aspectibus*, the Medieval Latin Version of Ibn al-Haytham's *Kitabal-Manazir*. Edited by A. Mark Smith. Philadelphia: American Philosophical Society, v. II, 2001. 339-819 p.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Valentín García Yebra. Madrid: Ed. Gredos, 1990. 830 p.

ARISTÓTELES. *De Anima. Sobre a Alma*, tradução de Ana Maria Lóio, Obras Completas. São Paulo: Martins Fontes, 2013. 136 p.

AQUINO, Thomas. **Corpus Thomisticum**. Subsidia studii ab Enrique Alarcón collecta et edita Pompaelone ad Universitatis Studiorum Navarrensis aedes ab A.D. MM., 01 jan 2006. Disponível em: <<http://www.corpusthomisticum.org/>>. Acesso em 10 Out. 2012.

AVICEBRON. Avicenbrolis (Ibn Gebirol) **Fons Vitae**. Ex Arabico in Latinum Translatus ab Johanne Hispano et Dominico Gundissalino. Münster: Formis Aschendorffianis, 1892. 209 p.

S. BONAVENTURAE. **Commentaria In quatuor Libros Sententiarum** Magistri Petri Lombardi. Tomus I. (Distributio II). Ad Claras Aquas (Quaracchi). Prope Florentiam Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae. 1883.

S. BONAVENTURAE. **Commentaria In quatuor Libros Sententiarum** Magistri Petri Lombardi. Tomus 2. Ad Claras Aquas (Quaracchi). Prope Florentiam Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae. 1885.

S. BONAVENTURAE. **Collationes in Hexamëron**. Opuscula Varia Theologica. Tomus V, Ad Claras Aquas (Quaracchi). Prope Florentiam Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae. 1891.

DACI, Boethius. *Opera: Quaestiones de generatione et corruptione, quaestiones super libros physicorum*, v. 5, p. II. ed. G.Sajó, v. II, Hauniae: G.E.C. Gad, 1974.

S. *AURELII Augustini. Opera Omnia*: Patrologiae Latinae Elenchus. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/latino/>>. Acesso em 25 Jan. 2014.

AVERROIS Cordubensis: **Commentarium Magnum in Aristoteles De Anima Libros**. Edt. F. S. Crawford. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1953.

GANDAVO, Henrique de. *Opera Omnia*. VI, **Quodlibet II**, ed. R. Wielockx. Leuven University Press. E. J. Brill, Leiden, 1983.

OCKHAM, Guillelmi de. *Opera Philosophica et Theologica. Quaestiones in Librum Quartum Sententiarum (Reportatio)*. VII, Edit. Rega Wood and Gedeon Gál. OFM. St. Bonaventure University, NY: The Franciscan Institute, 1984.

## Bibliografia Secundária

ADRIAENSSEN, H. T. Peter John Olivi on Perceptual Representation. *Vivarium*, v. 49, p. 324-352, 2011.

BÉRUBÉ, C. Olivi, critique de Bonaventure et Henri de Gand. In: BÉRUBÉ, C. **De L'Homme à Dieu selon Duns Scot, Henri de Gand et Olivi**. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1983. p. 19-79.

BAUR, L. **Die Philosophischen Werke des Robert Grossetesteh**, Bischofs von Lincoln. Münster i. W.: Aschendorff, 1917. 298 p.

BETTONI, E. **Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi**: saggio. Milano: Vita e Pensiero, 1959. 534 p.

BOUREAU, A. Le conception de Relation chez Pierre de Jean Olivi. In: BOUREAU, A.; PIRON, S. **Pierre de Jean Olivi (1248-1298)**: Pensée Scolastique, Dissidence et Société. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1999. p. 41-55.

BRENTANO, F. **Psychology from an Empirical Standpoint**. London, New York: Routledge, 1995. 322 p.

BURR, D. **L'Histoire de Pierre Olivi**: Franciscan Persécuté. Tradução de François-Xavier Putallaz. Fribourg, Paris: Editions Universitaires de Fribourg, Cerf, 1997. 296 p.

BURR, D. **The spiritual Franciscans**: from protest to persecution in the century after Saint Francis. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001. 427 p.

DALES, R. **The problem of the rational soul in the Thirteenth Century**. Leiden, New York, Köln: Brill, 1995. 214 p.

DALES, R. C. D.; FREIBERGS, G. **Aspectus et affectus**: essays and editions in Grosseteste and Medieval intellectual life in honor of Richard C. Dales. New York: AMS Press, 1993. 137 p.

DENZINGER, H. **Enchiridion symbolorum**: Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Undecima editio. ed. Freiburg im Breisgau: B. HERDER, 1911. 692 p.



DUBA, W. Pierre de Jean Olivi et l'action instantanée. In: KÖNIG-PRALONG, C.; RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T. **Pierre de Jean Olivi, philosophe et théologien**: actes du colloque de philosophie médiévale, 24-25 octobre 2008. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 169-180.

DUMMONT, S. The Origin of Scotus's Theory of Synchronic Contingency. **The Modern Schoolman**, n. 72, p. 149-167, Jan./Mar. 1995.

FUSSENEGGER, G. "Littera septem sigillorum" contra doctrinam Petri Ioannis Olivi edita. **Archivum Franciscanum Historicum**, v. 47, p. 45-53, 1954.

GONÇALVES, J. C. **Homem e Mundo em São Boaventura**. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. 532 p.

HIRVONEN, V.; HOLOPAINEN, T. J.; TUOMINEN, M. **Mind and Modality**: Studies in the History of Philosophy in Honour of Simo Knuuttila. Leiden, Boston: Brill, 2006. 390 p.

HONNENFELDER, L. **João Duns Scotus**. Tradução de Roberto Hofmeister Pich. São Paulo: Loyola, 2012. 260 p.

HORN, C. **Agostinho**: conhecimento, linguagem e ética. Tradução de Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 244 p.

JAMES, W. **The Principles of Psychology**. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, v. 1-2, 1983. 1302 p.

JANSEN, B. Prolegomena. In: OLIVI, P. I. **Quaestiones in Secundum Librum Sententiarum**. Quaracchi: Collegii S. Bonaventurae, v. II, 1924. p. i-xv.

JANSEN, B. Olivi, o mais velho representante escolástico do conceito hodierno de movimento. **Scintilla**, v. 2, n. 1, p. 181-s/d, 2005. Tradução da Equipe Editorial.

KÖNIG-PRALONG, C. Olivi et le formalisme Ontologique. lectures d'Aristote, d'Averroès, et critique d'Albert? In: KÖNIG-PRALONG, C.; RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 135-165.

KÖNIG-PRALONG, C. Form and Matter. In: LAGERLUND, H. **Encyclopedia of Medieval Philosophy: Philosophy Between 500 and 1500**. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2011. p. 356-361.

KANE, R. **The significance of Free Will**. New York: Oxford Press, 1996. 268 p.

KAYE, S. M. Why the Liberty of Indifference Is Worth Wanting: Buridan's Ass, Friendship, and Peter John Olivi. **History of Philosophy Quarterly**, v. 21, n. 1, p. 21-42, Jan. 2004.

KÄRKKÄINEN, P. Internal Sense. In: LAGERLUND, H. **Encyclopedia of Medieval Philosophy: Philosophy Between 500 and 1500**. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2011. p. 564-567.

KÄRKKÄINEN, P. Sense Perception, Theories of. In: LAGERLUND, H. **Encyclopedia of Medieval Philosophy: Philosophy Between 500 and 1500**. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2011. p. 1182-1185.

KING, P. Why Isn't the Mind-Body Problem Medieval? In: LAGERLUND, H. **Forming the Mind: Essays on the Internal Senses and the Mind/Body Problem from Avicenna to the Medical Enlightenment**. Dordrecht: Springer, 2007. p. 187-206.

KOROLEC, J. B. Free will e free choice. In: KRETZMANN, N. et al. **The Cambridge History of Later Medieval Philosophy**. From the rediscovery of Aristotle to the desintegration of Scholasticism (100-1600). Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 629-641.

LABERGE, D. **Petrus Johannis Olivi: Tria scripta sui ipsius apologetica: annorum 1283 et 1285**. Florentiae: Typ. Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, 1935. 154 p.

LAGERLUND, H. **Forming the Mind: Essays on the Internal Senses and the Mind/Body Problem from Avicenna to the Medical Enlightenment**. Dordrecht: Springer, 2007. 356 p.

LAGERLUND, H. The Terminological and Conceptual Roots of Representation in the Soul in Late Ancient and Medieval Philosophy. In: LAGERLUND, H. **Representation and Objects of Thought in Medieval Philosophy**. Hampshire, Burlington: Ashgate, 2007. p. 11-32.

LAGERLUND, H. Skeptical Issues in Commentaries on Aristotle's Posterior Analytics: John Buridan and Albert of Saxony. In: LAGERLUND, H. **Rethinking the History of Skepticism: The Missing Medieval Background**. Leiden: Brill, 2010. p. 193-214.

LAMPORT, L. Buridan's Principle. **Foundations of Physics**, v. 4, n. 8, p. 1056-1066, 2012.

LEIBNIZ, G. W. F. **New Essays on Human Understanding**. Tradução de Jonathan Bennett. Peter Remnant. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. 528 p.

MATTHEWS, G. B. Animals and the Unity of Psychology. **Philosophy**, v. 53, n. 206, p. 437-454, Oct. 1978.

MATTHEWS, G. B. Augustine and Descartes on the souls of animals. In: CRABBE, M. J. C. **From Soul to Self**. London; New York: Routledge, 1999. p. 89-107.

MCEVOY, J. **Robert Grossetest**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000. 219 p.

MOLE, C. Attention. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 21 de Agosto de 2013. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/attention/>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

NASCIMENTO, C. A. R. do. **De Tomás de Aquino a Galileu**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1995. 218 p.

NICKL, P. Libertas proprie non est nisi in voluntate: Libertà e soggettività in Pietro di Giovanni Olivi. In: KÖNIG-PRALONG, C.; RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T. **Pierre de Jean Olivi, philosophe et théologien**: actes du colloque de philosophie médiévale, 24-25 octobre 2008. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 355-368.

NOBRE, A. C.; KASTNE, S. **The Oxford Handbook of Attention**. Oxford: Oxford University Press, 2014. 1264 p.

OLIVI, P. D. J. **La matière**. Tradução de C. König-Pralong, O. Ribordy et A. Robiglio traduction et notes par T. Suarez-Nani. Paris: Vrin, 2009. 360 p.

PASNAU, R. Olivi on the Metaphysics of Soul. **Medieval Philosophy and Theology**, v. 6, p. 109-132, 1997.

PASNAU, R. **Theories of cognition in the later Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 330 p.

PASNAU, R. Peter Jonh Olivi. In: CRAIG, E. **Routledge Encyclopedia of Philosophy: Index**. New York: Routledge, v. 7, 1998. p. 95-97.

PASNAU, R. Olivi On Human Freedom. In: BOUREAU, A.; PIRON, S. **Pierre de Jean Olivi (1248-1298): Pensée Scolastique, Dissidence spirituelle et Société**. Paris: Vrin, 1999. p. 15-25.

PASNAU, R. Human Nature. In: MCGRADY, A. S. **The Cambridge Companion to Medieval Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 208-230.

PASNAU, R.; TOIVANEN, J. "Peter Jonh Olivi." **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Summer 2013 Edition). Ed. Edward N. Zalta. 15 de March de 2014 <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2013/entries/olivi/>>. 2013.

PERLER, D. **Théories de l'intentionnalité au moyen âge**. Paris: J. Vrin, 2003. 169 p.

PETAGINE, A. La materia como ens in potentia tantum. Tra la posizione di Sigieri de Brabante e la critica di Pietro di Giovanni Olivi. In: OLIVIER RIBORDY, T. S.-N. C. K.-P. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et Théologien**. Berlim, New York: de Gruyter, 2010. p. 295-323.

PICH, R. H., 'Ensaio Introdutório - Contingência e Liberdade', in Duns Scotus, J. **Textos sobre poder, conhecimento e contingência**, trans. by Roberto Hofmeister Pich, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 508 p.

PIRON, S. Les œuvres perdues d'Olivi: essai de reconstitution. **Archivum Franciscanum Historicum**, v. 91, n. 3/4, p. 357-394, 1998.

PIRON, S. La liberté divine et la destruction des idées chez Olivi. In: BOUREAU, A.; PIRON, S. **Pierre de Jean Olivi (1248-1298). Pensée scolastique, dissidence spirituelle et société**. Paris: Vrin, 1999. p. 71-89.

PIRON, S. Olivi et les averroïstes. **Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie**, v. 53, n. 1/2, p. 251-309, 2006.

PIRON, S. L'Expérience subjective selon Pierre de Jean Olivi. In: BOULNOIS, O. **Généalogies du sujet. De saint Anselme à Malebranche**. Bibliothèque d'histoire de la philosophie. ed. Paris: Vrin, 2007. p. 43-54.

PIRON, S. **Recherches D'Histoire Intellectuelles des Sociétés Médiévales**. Paris: Université D'Orléans, 2010.

PLANTINGA, A. **Warrant and Propter Function**. New York: Oxford University Press, 1993b. 256 p.

PORZIA, F. Colligantia Naturalis. In: CAROLI, E. **Dizionario Bonaventuriano**. Pádova: Editrici Francescane, 2008. p. 250-252.

PUTALLAZ, F.-X. **Insolente Liberté. Controverses et condamnations au XIIIe. Siècle**. Fribourg: Editions Universitaires Fribourg, 1995. 339 p.

PUTALLAZ, F.-X. **Figures Franciscaines: de Bonaventure à Duns Scot**. Paris: Editions du Cerf, 1997. 184 p.

PUTTALAZ, F.-X. **La connaissance de soi au XIIIe siècle: de Matthieu d'Aquasparta à Thierry de Freiberg**. Paris: Vrin, 1991. 444 p.

PUTNAM, H. **Reason, Truth and History**. New York: Cambridge Press, 1981. 223 p.

REMES, P.; SIHVOLA, J. **Ancient Philosophy of the Self**. Dordrecht; London: Springer, 2008. 272 p.

RESCHER, N. Choice without Preference. A Study of the History and of the Logic of the Problem of "Buridan's Ass. **Kant-Studien**, v. 51, n. 1-4, p. 142-175, 1959.

RIBORDY, O. *Materia Spiritualis: Implications anthropologiques de la Doctrine de la matière développée par Pierre de Jean Olivi*. In: OLIVIER RIBORDY, T. S.-N. C. K.-P. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 181-228.

RODE, C. Peter of John Olivi on representation and self-representation. **Quaestio**, v. 10, p. 155-166, 2010.

RODOLFI, A. Pietro di Giovanni Olivi e il dibattito sull'attualità della materia. In: RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T.; KÖNIG-PRALONG, C. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 253-293.

ROSS, S. D. **Aristotle**. 6th. ed. London: Routledge, 2005. 322 p.

SCHNEIDER, T. **Die Einheit des Menschen**: Die anthropologische Formel “anima forma corporis” im sogenannten Korrektorienstreit und bei Petrus Johannis Olivi: Ein Beitrag zur Vorgeschichte des Konzils von Vienne. 2a. ed. Münster: Aschendorff, 1988. 288 p.

SILVA, J. F. Augustine on Active Perception. In: SILVA, J. F.; MIKKO YRJÖNSUURI **Active Perception in the History of Philosophy**: from Plato to Modern Philosophy. New York, Dordrecht, London : Springer, 2014. p. 69-98.

SILVA, J. F.; TOIVANEN, J. The active nature of the soul in the sense perception: Robert Kilwardby and Peter Olivi. **Vivarium**, Leiden, n. 48, p. 245-278, 2010.

SILVA, J. F.; YRJÖNSUURI, M. **Active Perception in the History of Philosophy**: from Plato to Modern Philosophy. New York, Dordrecht, London : Springer, 2014. 293 p.

SPRUIT, L. **Species Intelligibilis**: from perception to Knowledge: Classical Roots and Medieval Discussions. Leiden: E. J. Brill, v. I, 1994. 452 p.

SPRUIT, L. **Species Intelligibilis**: from Perception to Knowledge: Renaissance Controversies, later Scholasticism, and the Elimination of the intelligible Species in Modern Philosophy. Leiden, New York, Köln: E. J. Brill, v. II, 1995. 590 p.

STEENBERGHEN, F. V. **La philosophie au XIIIe siècle**. Louvain: Publications Universitaires, 1966. 594 p.

SUAREZ-NANI, T. Pierre de Jean Olivi et la subjectivité Angélique. **AHDLMA**, v. 70, p. 233-316, 2003.

SUAREZ-NANI, T. Introduction. In: OLIVI, P. D. J. **La matière**. Tradução de O. Ribordy et A. Robiglio, T. Suarez-Nani C. König-Pralong. Paris: Vrin, 2009. p. 7-60.

SUAREZ-NANI, T. Notes pour l’histoire de la réception de Pierre de Jean Olivi. In: RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T.; KÖNIG-PRALONG, C. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 327-355.

TACHAU, K. H. **Vision and certitude in the age of Ockham**: optics, epistemology and the foundation of semantics: 1250-1345. Leiden: Brill, 1988. 428 p.

TESKE, R. J. **To know God and the soul**: Essays on the thought of Saint Augustine. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2008. 289 p.

TOIVANEN, J. **Animal Consciousness**: Peter Olivi on Cognitive Functions of the Sensitive Soul. Jyväskylä: Jyväskylä University Printing House, 2009. 369 p. Jyväskylä Studies in Education, Psychology and Social Research (Dissertation).

TOIVANEN, J. **Perception and the Internal Senses**: Peter of John Olivi on the Cognitive Functions of the Sensitive Soul. Leiden: Brill, 2013. 388 p.

TOIVANEN, J. Peter Olivi on Internal Senses. **British Journal for the History of Philosophy**, v. 15, n. 3. p. 427-454. 2007.

WICKENS, C. D.; MCCARLEY, J. S. **Applied Attention Theory**. Boca Raton, London, New York: CRC Press, 2008. 225 p.

YRJÖNSUURI, M. Perceiving One's Own Body. In: KNUUTTILA, S.; KÄRKKÄINEN, P. **Theories of perception in Medieval and Early Modern Philosophy**. Dordrecht: Springer, v. 6, 2008. p. 101-116.